

# “Um sarau para chamar de nuestro”: juventudes migrantes, ativismos e formas de re-existência em São Paulo

**Simone Luci Pereira**

Universidade Paulista, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, São Paulo, SP, Brasil  
ORCID <https://orcid.org/0000-0002-7412-2129>

**João Marcelo Bras**

Universidade Paulista, Curso de Publicidade e Propaganda, São Paulo, SP, Brasil  
ORCID <https://orcid.org/0000-0001-8215-0827>

**Maria Cláudia Paiva**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, São Paulo, SP, Brasil  
ORCID <https://orcid.org/0000-0001-8798-461X>

**André Queiroz**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, São Paulo, SP, Brasil  
ORCID <https://orcid.org/0000-0003-4606-4109>

## Resumo

Este artigo focaliza as ações político-culturais do coletivo migrante Sarau das Américas em São Paulo/Brasil. Tomando como pressuposto a noção de cultura em seus sentidos políticos, bem como sobre as juventudes (no plural) voltadas às formas de presença protagonizadas por jovens em contextos urbanos, analisamos as atividades do coletivo com ênfase em suas ações em 2020 e 2021, anos da pandemia do Covid-19, que interrompeu as atividades presenciais do grupo e direcionou-as para o âmbito online. Buscamos compreender essas ações, seus principais temas e como se deram os encontros/eventos, na busca por interpretar formas de pertencimento, identidades e re-existências que ali se esboçaram e os usos das tecnicidades envolvidas nestas performances midiaticizadas, acionando formas de estar juntos e sentidos de presença.

## Palavras-chave

juventudes; ativismos; migrantes; re-existências; identidades

## 1 Introdução

Este artigo é uma produção coletiva e os resultados que aqui se apresentam decorrem de pesquisa vinculada à rede internacional de investigação constituída junto ao Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO, 2019) (GT Infancias y juventudes, 2019-2022 e à Red Iberoamericana de Posgrados en Infancia y Juventud (RedINJU)) e está localizada, no âmbito das contribuições brasileiras, em um dos eixos constitutivos deste GT: Hegemonías, violências, prácticas culturales y políticas de resistencia y re-existencia.

Apresentamos alguns resultados de pesquisa desenvolvida em 2021-2022 (PUC-SP, 2023c)<sup>1</sup> no âmbito das atividades do GP (CNPq) Jovens Urbanos - Imagens, metrópoles e culturas juvenis (BORELLI, 2006), que teve a colaboração do GP (CNPq) URBESOM - Culturas Urbanas, Música e Comunicação (PEREIRA, 2019).

O escopo central da investigação voltou-se às atividades político-culturais e comunicacionais dos coletivos juvenis Slam Resistência e Sarau das Américas, em São Paulo/Brasil. Temos construído ações e produção de conhecimento crítico em parceria com estes coletivos integrantes da investigação, privilegiando formas de pesquisa colaborativas e cartográficas (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009). Como objetivo central, temos ao mesmo tempo (1) o mapeamento e a problematização das concepções e práticas de jovens (articulados em coletivos juvenis) sobre as subalternizações, desigualdades, vulnerabilidades e violências vividas, bem como (2) a análise das perspectivas encontradas para enfrentar tais condicionantes, por meio de ações culturais e políticas, com ênfase para o contexto pandêmico da Covid-19.

Buscamos, assim, analisar experiências de ativismo cultural e político destes coletivos, privilegiando suas ações de resistência e re-existência (ALBÁN ACHINTE, 2007; WALSH, 2013; MALDONADO TORRES, 2017; MIGNOLO, 2015) atinentes às questões migratórias e étnico-raciais. Partimos da ideia de que as atividades culturais são ações políticas, pois compreendemos a cultura como campo de disputas, hegemonias e articulações de conflitos (WILLIAMS, 1979). Dialogamos de perto com reflexões e pesquisas latino-americanas que trazem um debate sobre as juventudes (no plural) voltadas às formas de presença protagonizadas por jovens em contextos urbanos (REGUILLO, 2000; BORELLI *et al.*, 2022; BORELLI *et al.*, 2021).

---

<sup>1</sup> Pesquisa “Ativismos juvenis urbanos: questões culturais, migratórias e étnico raciais” realizada em 2021/2022 sob coordenação da Prof.a Dra. Silvia Borelli e contou com financiamento do Plano de Incentivo à Pesquisa (PIPEq da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - 2020-2021).

Nesse artigo temos como foco específico as atuações do Sarau das Américas, um coletivo de migrantes oriundos da América Latina hispânica que vivem na cidade de São Paulo. Privilegiamos a análise de suas ações durante o período pandêmico da Covid-19 (2020-2021) o qual - por conta do distanciamento social imposto - fez com que as atividades do coletivo fossem baseadas na esfera online via internet. Buscamos mapear essas ações bem como compreender seus principais temas e como se deram os encontros e eventos, na busca por interpretar os sentidos de identidade, socialidade, pertencimento e re-existências que ali se esboçaram e os usos das tecnicidades (MARTIN-BARBERO; RINCÓN, 2019) envolvidos nestas performances midiáticas (ZUMTHOR, 1997), acionando formas de estar juntos e sentidos de presença.

Para isso, iniciamos o artigo tratando da questão das juventudes e suas ações político-culturais na cidade, articulando ainda o tema das migrações e alguns de seus contextos em São Paulo na atualidade. Em seguida, apresentamos e analisamos o Sarau das Américas e as atividades por eles desenvolvidas no período selecionado, trazendo as noções de ativismos (FERNANDES *et al.*, 2022; RAPOSO, 2015; ROCHA, 2021), performance (ZUMTHOR, 1997; TAYLOR, 2013; TURNER, 1987) e re-existência como operadores conceituais norteadores.

## 2 Juventudes, cultura e migrações

As questões que envolvem as migrações na atualidade estão cada vez mais articuladas às agendas globais, locais e regionais, sendo notável o crescimento e a urgência de investigações que buscam compreender variadas nuances desses processos. Pensar as migrações internacionais contemporâneas nos impele a compreender de maneira mais ampla como são formadas, produzidas e reproduzidas estruturas socioculturais, econômicas e políticas, uma vez que a complexidade de dimensões, condições, identidades e subjetividades são postas em tensão e negociação nesses trânsitos, trajetos e projetos migratórios. Partimos do pressuposto de que as migrações internacionais não se configuram como fenômenos isolados que acontecem de forma singular em algum lugar do mundo e de acordo com uma só perspectiva. Elas são conformadas por dinâmicas interculturais, transnacionais e transfronteiriças heterogêneas que interatuam de maneira local-regional-global.

Esse ponto de partida nos possibilita considerar e tecer panoramas acerca da constituição desses processos e de seus ecos em rede na vida cotidiana e nas experiências de migrantes. As migrações internacionais derivam de incontáveis circunstâncias e motivações impulsionadas por projetos, guerras, conflitos, pobreza, busca de oportunidades laborais e/ou

educacionais, câmbios climáticos etc. (ÁLVAREZ VELASCO, 2021). Ainda que migrar deva ser um direito humano assegurado globalmente, as condições de acolhida ofertadas e a existência e sobrevivência garantida a esses migrantes variam em épocas, países, situações político-culturais e socioeconômicas (DI CESARE, 2020; MEZZADRA, 2012).

Refletir sobre as migrações em suas dimensões transnacionais, significa ainda articular as migrações/refúgios com sentidos de ativismo e uso das tecnologias de informação (COGO, 2019; RETIS, 2018). As formas de ativismos migrantes pelas redes e plataformas digitais mostram-se, assim, como novos modos de linguagem, de percepção e de sensibilidades expressas pelos sujeitos migrantes, sendo capazes de produzir usos e apropriações de modos indeterminados, como possibilidades de participação social, visibilidade/audibilidade, autorrepresentações de si e formas de experimentar os fenômenos globais e transnacionais, desdobrando e articulando sentidos de pertencimento, integração e cidadania e estabelecendo novas esferas públicas de diáspora (APPADURAI, 2004).

Os projetos e fluxos migratórios são reconfigurados constantemente e, atualmente, percebemos que esses processos estão ocorrendo de forma mais acelerada e visível, inclusive midiaticamente. Ao analisarmos o cenário contemporâneo brasileiro, isso se mostra como uma questão premente, seja nas produções acadêmicas, seja nos conteúdos midiáticos que apontam para os “novos” fluxos ou tendências migratórias (condições, nacionalidades, gerações, sentidos), em que o Brasil se mostra como expoente nas rotas migratórias dos últimos anos (BÓGUS; FABIANO, 2015; BAENINGER *et al*, 2018).

Interessa-nos compreender alguns sentidos dos fluxos recentes de migrantes ao Brasil, com ênfase para São Paulo e sob um recorte geracional, ao investigar as experiências e as práticas político-culturais de jovens nos processos de mobilidade internacional, sejam eles voluntários ou forçados, regulares ou não. A relação entre juventudes e migrações também se apresenta no debate como uma tendência atual.

Como afirmam Cogo e Gorczewski (2012, p. 143), a presença juvenil nos processos de mobilidade humana sempre existiu, “embora, paradoxalmente, a juventude siga sendo invisível na maioria dos debates de políticas públicas sobre migração internacional”; ainda que, segundo as autoras, quando expandimos o intervalo etário da juventude “para os que têm 15 e 29 anos, a juventude passa a constituir metade dos movimentos migratórios nos países em desenvolvimento e um terço do total de jovens no mundo” (p.143). Mesmo tendo sido produzidos há uma década, percebemos que estes dados continuam similares ou até mais acentuados, pois grande parte da imigração internacional atualmente é composta por jovens (em que os homens somam um percentual maior, mas salientando uma migração feminina

cada vez mais presente) em idade ativa; e esta condição se configura também no Brasil (CAVALCANTI; OLIVEIRA; SILVA, 2021; BRASIL, MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2020, p.3).

Observamos que a questão voltada ao protagonismo ou até mesmo às temáticas que consideram o recorte geracional como ponto de partida têm estado invisibilizada no debate migratório (NIÑO VEGA, 2020), ainda que os projetos migratórios protagonizados pelos próprios jovens seja um fenômeno em crescimento, ressaltando que esses grupos constituem ao longo dos trajetos experiências muito particulares de viver e conceber a mobilidade, participando ativamente nesses processos, múltiplos e heterogêneos.

Nesse artigo, nos interessa compreender quais são as possibilidades e oportunidades que criam para transformar, recriar e reinventar suas experiências migratórias. Pensar as juventudes migrantes requer uma reflexão acerca das estratégias, táticas e astúcias (CERTEAU, 1994) mobilizadas por estes atores sociais, bem como suas identidades, subjetividades e formas de se organizarem, estarem juntos e elaborarem protagonismos.

Cada vez mais os estudos nos campos das Ciências Sociais e da Comunicação ibero-latino-americanas têm apontado para o fato de ser necessário dar visibilidade para as ações que têm sido protagonizadas pelos grupos juvenis, afetados pelas complexas dinâmicas sociais nos âmbitos locais, nacionais e globais e com potencial criador de novas formas de protagonismo, ação política e resistência. Não entendida como categoria biológica, vinculada a uma faixa etária específica ou definida *a priori*, compreendemos as juventudes no plural, em seu caráter ambíguo e como construção social e cultural, envolvendo atores sociais que devem ser compreendidos em seus próprios termos e a partir das condições do seu presente (AMAYA, 2004; MARTIN-BARBERO, 2017; ALVARADO; VOMMARO, 2010; CUBIDES; MARGULIS, 1998; REGUILLO, 2017; FEIXA, 2014; GARCIA CANCLINI; CRUCES; CASTRO-POZO, 2012). Trata-se de uma perspectiva que leva em conta suas diferenças e marcadores sociais como classe, etnia, gênero e sexualidade, bem como suas inscrições de autoidentidade (VILA, 2014) pela poesia, artes, música, ativismos e socialidades. Problematizamos, assim, as juventudes na atualidade como um “conjunto situado de respostas às consequências da globalização” (CASTRO-POZO, 2012, p. 27) e às novas mediações sociocomunicativas e culturais de significados simbólicos, promessas e ameaças, potencialidades e fragilidades, permitindo-nos “abordar uma série de questões importantes e relacionadas a processos culturais mais amplos em curso” (CASTRO-POZO, 2012, p. 27).

Entendemos, nesse sentido, que o protagonismo dos jovens ancora-se na consolidação de projetos migratórios juvenis próprios que se relacionam a diversos contextos: políticos, sociais, econômicos, culturais e comunicacionais (BORELLI *et al.*, 2021); na possibilidade de

visibilizarem suas ações; nas estratégias que desenvolvem para reordenar e reconfigurar suas condições/situações; nas formas pelas quais ressignificam espaços; nos modos que utilizam e se apropriam das redes digitais e tecnologias.

Compreendemos as maneiras pelas quais os jovens, de forma coletiva, configuram relações que extrapolam os limites da lógica binária entre “ser de lá e estar aqui”, quando muitas de suas ações são realizadas de maneira transnacional e transfronteiriça (VALENZUELA ARCE, 2014). As ações migrantes juvenis que temos analisado articulam ações culturais e/ou artísticas entendidas como ações políticas (WILLIAMS, 1979), que sublinham identidades, socialidades e pertencimentos na cidade, bem como buscam formas de resistir e re-existir nas brechas dos sistemas, conjugando lazer, arte, sentidos políticos, estratégias comunicacionais e maneiras de viver a vida urbana, construindo formas outras de ser e estar em São Paulo. Ou seja, olhar para as juventudes migrantes e para esse coletivo aqui em tela significa reconhecer e estar atentos às dimensões políticas e socioeconômicas hegemônicas que os atingem, bem como os racismos, xenofobias e estigmas enfrentados; mas observar e dar visibilidade para as práticas culturais, estéticas, comunicacionais e políticas por eles articuladas e nas quais expressam, pela via das ações culturais-políticas-comunicacionais, a viabilização possível de propostas coletivas e a construção de sentidos sociais e afetivos sobre a vida e o mundo (REGUILLO, 2017), nos quais as redes e as tecnologias desempenham importante papel.

A noção de re-existência (ACHINTE ALBÁN, 2007; WALSH, 2013; MALDONADO TORRES, 2017) aqui mobilizada nos parece adequada para compreender a construção de ações e sentidos que não apenas resistem – no sentido clássico de um enfrentamento direto aos poderes e na busca de sobrevivência – mas re-existem nas maneiras como esses jovens migrantes elaboram subjetividades e ações dotadas de politicidade (ROCHA, 2021) não institucionalizadas, marcadas nos corpos e no cotidiano vivido, e em ações aparentemente fragmentadas que ressaltam formas outras de viver e reinventar suas identidades e experiências migrantes.

Nesse sentido, buscamos compreender quais foram as maneiras e estratégias – considerando, acima de tudo, as oportunidades e possibilidades garantidas a grupos específicos – pelas quais as juventudes migrantes ressignificaram, reconfiguraram e reconstruíram suas formas de fazer cultura, política e comunicação entre 2020 e 2021, os anos mais agudos e restritivos da Covid-19.

### 3 Sarau das Américas

O Sarau das Américas é um coletivo formado por migrantes oriundos da América Latina Hispânica que vivem em São Paulo. Até a pandemia, reuniam-se mensalmente no Centro Cultural Butantã (zona oeste) e em outras localidades da cidade com diferentes artistas/ativistas migrantes reformulando fronteiras estabelecidas e ressaltadas por eles a partir da noção do “*encuentro*” e do uso do “*portunhol*” na construção de interculturalidade nos territórios da cidade, em formas de pertença e modos de estar junto, salientando ainda as desigualdades presentes em suas experiências e nas diversas formas de viver a cidade de São Paulo como migrantes latino-americanos hispânicos. Com a prática do microfone aberto a todas e todos, o Sarau se autodenomina em sua página do Facebook como:

[...] um Sarau para chamar de NUESTRO, e uma ponte para percorrer a literatura e artes feitas em territórios deste lado americano do Atlântico. A nossa língua é o portuñol. O Sarau das Américas nasce da vontade de transcender as fronteiras das línguas que habitam este continente, de viver na interação poética, e de percorrer o caminho de seus poetas e poetisas, num presente criativo, imediato que coexiste nesta megalópole paulistana. Mensalmente, numa terça-feira, organizamos o encontro poético para atravessar essas fronteiras e cultivar este ENCUESTRO [...] Vengan, venham, come with us... #SarauSemLegendas. (SARAU DAS AMÉRICAS, a2016)

Como um *encuentro*, como indica a prática do “*portunhol*” que o coletivo adota para aproximar falantes de espanhol e português, o Sarau busca contatos interculturais nas diversas formas de viver a cidade de São Paulo como pessoas migrantes. A noção de *encuentro* nos parece útil para pensar a própria noção de interculturalidade (GARCIA CANCLINI, 2007) como categoria privilegiada de análise para pensar os espaços intersticiais ou zonas de contato (materiais e simbólicas) entre culturas. Para além de uma noção de multiculturalismo vazia, acrítica e inócua que alude a um pluralismo de culturas, a perspectiva da interculturalidade nos impele a refletir sobre os encontros, tensões, negociações e arranjos que os contatos impõem, esboçando potentes zonas de criação e disputas de sentidos, incluindo em suas pautas não apenas a questão migratória ou juvenil, mas estas interseccionadas a outras causas. O coletivo declara que levanta a bandeira do antimachismo, do antirracismo e do anticapitalismo, lutando contra modelos que cada vez mais impõem barreiras de mobilidade e inclusão.

Em uma conversa informal conosco, Ana Sofia Garcia – venezuelana e uma das coordenadoras do coletivo – afirma que eles buscam, como migrantes, trazer e guardar aspectos de ancestralidade e identidade não só de suas nações, mas de sentidos comuns de origem e território de *AbyaYala* (noção ameríndia que significa a América num sentido comum,

pré-colonial e pré-nacional); sem deixar, contudo, de vivenciar as trocas proporcionadas pela experiência de viver no Brasil e em São Paulo. Salientando a busca pela construção de “um mundo onde muitos mundos sejam possíveis” (GARCIA, 2020, p. 110, tradução nossa), enfatizam a “proliferação da diferença” (HALL, 2000) dentro das construções e ideários nacionais e continentais homogeneizantes. Mais ainda, a escolha por fazer isso em São Paulo, como aludem, “uma cidade, em algumas partes fruto do conceito de progresso do sistema da modernidade e em outras partes, uma mostra viva da exclusão e da miséria que este mesmo sistema gera” (GARCIA, 2020, p. 110), ressalta uma perspectiva decolonial crítica aos modelos de modernidade europeia, trazendo à tona a diversidade e as contra narrativas que modos outros de pensar, viver, sentir podem elaborar, e enfatizando, assim, um sentido ativo da noção de cultura (HALL, 2000).

Uma noção de cosmopolitismo crítico (DELANTY, 2008; AGIER, 2015) colabora para a compreensão de fenômenos e experiências migrantes como as que percebemos no Sarau das Américas. Delanty (2008) ultrapassa as noções de cosmopolitismo advindas no Norte Global (e mesmo do senso comum) que entendem como sendo cosmopolita apenas os gostos e práticas de consumo cultural e material de cunho elitista. O autor afirma que o cosmopolitismo se coloca como episteme para compreender práticas que se localizam entre o local e o global. Assim, os sentidos de interculturalidade já expostos esboçam formas de construir cosmopolitismos outros, no entrecruzamento entre culturas e fluxos locais, regionais e globais. Na experiência migrante do Sarau das Américas, guardar elementos ancestrais e (re)significá-los no contexto da negociação de experiências e sentidos numa metrópole como São Paulo revelaria sentidos da construção de identidades entre o Brasil e a América Latina hispânica, historicamente contraditórias, num misto complexo de reconhecimentos, desconhecimentos, diferenças e identidades (PEREIRA, 2021).

Pode-se pensar no conceito sugerido por Valenzuela Arce (2014) de transfronteira, “a fim de elucidar os espaços nos quais as vidas desses jovens imigrantes se refazem, se cruzam e se interpelam, recriando sentidos, subjetividades, afetos e sentimentos” (BORELLI *et al.*, 2021, p. 12). Como afirma Ana Sofia Garcia (2020, p. 110), uma das coordenadoras do Sarau das Américas, o coletivo junta a experiência migrante e as atividades artísticas e culturais, as quais proporcionam “compartilhamentos de vida, numa rua ou num bar, entre pessoas que vêm de fora e vivem em São Paulo”.

Até a pandemia do Covid-19, o Sarau se reunia no primeiro andar do Centro Cultural do Butantã, na *Laje Beat*, e em outras localidades da cidade de São Paulo. Com a retomada das atividades presenciais em 2022, o Sarau tem se reunido no *Ermaná* (ERMANÁ, c2019), um

espaço colaborativo também no Butantã, área da cidade em que muitos de seus integrantes vivem. Nota-se que as ações político-culturais juvenis procuram construir espaços que vão além das dinâmicas delimitadoras do “dentro e fora” do espaço do Sarau. Diferentes artistas e ativistas migrantes participam dos encontros e reformulam as fronteiras estabelecidas que permitem a construção de espaços e lugares (CERTEAU, 1994) de pertença e de estar juntos nas experiências migrantes paulistanas.

Quando Ana Sofia afirma que o Sarau é um território na cidade que cria momentos de afeto na urbe, percebe-se o quanto a noção de território/territorialidade se faz presente para a compreensão tanto das experiências migrantes de encontro, como também das formas de apropriação da cidade. Territorialidade entendida como trama conceitual e das experiências vividas (HAESBAERT, 2014; SANTOS; BECKER, 2006) envolvendo dimensões simbólicas, afetivas, políticas, memoriais e dinâmicas dos espaços para além de suas materialidades físicas: como processos de construção, apropriação, ressignificação, disputas de sentido, poder, legitimidade em constante e dinâmica elaboração, desviando-se de noções fixas, unívocas ou estanques de território. Nesta construção de territorialidades esboçada pelo Sarau, lógicas dos espaços públicos e privados se conectam e se borram trazendo lógicas das ruas para a Lage e para o espaço *Ermaná*, edificando sentidos coletivos de lugar e território.

Se o Butantã, na zona oeste, foi o território construído para a experiência do Sarau permeados pelas vidas e os encontros ali forjados, não se pode esquecer que outras áreas da cidade são também ocupadas e apropriadas neste fazer poético e político do coletivo. Mesmo antes da pandemia, o Sarau participou de uma atividade na ocupação artística Ouvidor 63, localizada no Anhangabaú, centro de São Paulo. A atividade fazia parte do *Foro Social Mundial de las Migraciones* (FSMM), um “encontro mundial do qual participam organizações sociais e redes de movimentos sociais, compartilhando experiências, estudos, dores e propostas sobre migrações no mundo”, segundo descreve o próprio site do Sarau. Junto com o CRAI (Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes) e a ocupação Ouvidor 63 – um coletivo de coletivos que é residência artística e de moradia com mais de 100 pessoas na região do centro de São Paulo – o Sarau das Américas participou de atividades em outubro de 2019. Também já participaram de atividades no SESC Itaquera, na zona leste da cidade; na zona sul, junto com o coletivo de mulheres do Sarau das Minas; como também em espaços mais institucionais, como o Memorial da América Latina ou a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Uma aliança em redes (BUTLER, 2018) é o que se pode perceber nestas articulações do Sarau das Américas em muitas partes da cidade e com diferentes coletivos e instituições. Uma noção de rede que dá a ver as dimensões tentaculares e reticulares das ações culturais e

políticas juvenis na cidade que se valem das noções de identidades, de formas de ativismo cultural (conjugadas aos de gênero, migrante, étnico-racial de maneira interseccional) e da colaboração de muitos atores, com maior ou menor grau de institucionalidade.

#### 4 Aspectos metodológicos

Devido à pandemia do Covid-19, que impôs um isolamento social e físico a partir de março/2020, as atividades presenciais do Sarau das Américas tiveram que ser interrompidas. A partir daquele momento, voltamo-nos para a observação e análise de suas atividades no âmbito virtual ou online, buscando compreender como elaboravam formas outras de se reunir, produzir presença e pertencimento em tempos de distanciamento físico.

Como diversos outros coletivos, artistas e agrupamentos culturais, o Sarau das Américas esteve presente na atuação político-cultural online em redes sociais durante os anos de 2020 e 2021. Daí a importância de dar atenção, não apenas no caso dos migrantes em São Paulo, mas em toda a pesquisa proposta, às maneiras como se dão os ativismos entre ruas e redes, ou entre “a praça e a internet” (MIGLIANO, 2020), como espaços liminares de contaminação e mútua influência, exigindo uma atenção às redes sociais digitais desenvolvidas e/ou apropriadas por estes sujeitos em articulação com suas ações nas ruas na cidade.

Foram realizadas ações que mesclaram modalidades culturais como música, dança, performances teatrais, saraus online; debates temáticos (“*Licencias políticas*”, que são articuladas à noção de “*licencias poéticas*”) que se aproximam das vidas cotidianas de migrantes; festa online; *sarauzito* para crianças; entrevistas poéticas; participação em evento acadêmico e político-cultural; e intervenção urbana. O que se pode perceber no mapeamento e análise que temos construído é que as formas de estar juntos e criar redes de colaboração, encontros e experiências migrantes na cidade tiveram que se reconfigurar, ampliando fluxos e redes já existentes e criando outras.

Vale lembrar que desde 2018, temos (como grupo de pesquisa) trabalhado em colaboração com o coletivo não compreendido apenas como um objeto de estudo, afastando-nos de uma forma clássica de pesquisa nas ciências sociais e humanas que separa e hierarquiza sujeito-objeto e buscando uma produção de conhecimento entre sujeitos-sujeitos. Nesse sentido, destaca-se a elaboração de um dossiê sobre juventudes e migrações em revista acadêmica em 2020 que contou com a publicação de ensaio-artigo de Ana Sofia Garcia (uma das coordenadoras do Sarau) e um debate online em 2021 que, ao discutir questões de

migrações e ações político-culturais, contou com a participação de integrantes do Sarau e de nosso grupo de pesquisa.

Para a análise de suas atividades online, buscamos construir um quadro analítico das atividades do Sarau das Américas desenvolvidas nos anos de 2020 e 2021, divulgadas nas páginas de redes sociais digitais do coletivo, nomeadamente Facebook e Instagram, as mais usadas por eles. O levantamento ocorreu por meio de observações do acervo audiovisual que foi armazenado nas redes sociais selecionadas. Ao todo, mapeamos e recolhemos dezoito postagens durante o período (sendo *lives*, eventos, entre outros) nas duas plataformas de redes sociais digitais.

A alternativa usada no decorrer do levantamento de dados sobre a atuação de coletivos nas redes sociais se deu por meio da sistematização destas postagens variadas em tabela do Excel, para a qual pensamos e elaboramos coletivamente alguns instrumentos de análise no que diz respeito às suas atuações nas redes sociais digitais, contendo: (1) ID, para identificação numérica e soma de publicações; (2) Rede Social analisada, que nesse caso foram Instagram e Facebook; (3) Nome da publicação, conforme apresentado pelo próprio coletivo; (4) Formato, isto é, se a publicação era em formato de vídeo, texto, imagem ou fotografia; (5) Nome de artistas/ ativistas externos ao coletivo, como convidados(as) e outros participantes que aparecem nas publicações; (6) Outros coletivos e grupos que indiquem a construção de uma rede de relações/alianças de atuação; (7) Ano, Mês e Dia das publicações em colunas separadas; (8) Eixo da pesquisa mais ampla a saber raça/etnia, migração ou gênero; (9) Modalidade cultural, como sarau, debate, festa etc.; (10) Número de curtidas, comentários, visualizações e compartilhamentos das publicações; (11) Link da publicação; (12) Descrição da publicação feita pelo próprio coletivo; (13) Tipo de publicação, ou seja, se é uma ação própria do coletivo ou um compartilhamento de ação que contou com a presença de algum(a) membro(a) do coletivo; (14) Justificativa para escolha da publicação.

Assim, neste artigo trazemos para a análise algumas destas atividades, elegidas por serem as que apresentam mais curtidas ou visualizações nas redes sociais, mostrando, portanto, maior interação, circulação e visibilidade midiática. Ao mesmo tempo, essas postagens têm a sua escolha justificada por apresentarem aspectos que nos permitem analisar sentidos de pertencimento e identidade, formas de convivialidade, tecnicidade, re-existências e presença no ambiente online, esboçados nas performances mediatizadas.

## 5 Analisando as postagens

Uma das postagens que chamou a nossa atenção, e que aqui destacamos, foi a única ação presencial do coletivo no período analisado e foi realizada no Museu da Imigração em janeiro de 2021, com a colagem de cartazes com fotografias de rostos de imigrantes por toda a cidade e, naquele dia em especial - 25 de janeiro, aniversário da cidade de São Paulo – no muro em frente ao Museu da Imigração (SARAU DAS AMÉRICAS, 2021). Esta atividade de colagem de lambes fez parte do *InsideOut Project* que produziu a exposição *Procura-se olhar nos olhos* de mais de 80 fotos coladas em diversas partes da cidade e que se encerrou no muro em frente ao Museu. A intervenção foi gravada e compartilhada como uma montagem audiovisual nas redes sociais Instagram e Facebook, contendo três minutos e vinte e quatro segundos, produzida como forma de divulgação nas plataformas digitais.

Este vídeo mereceu destaque na observação realizada. Em primeiro lugar por ser um produto editado de uma ação mais longa e produzido com a finalidade de divulgação nas redes sociais digitais num formato de *teaser*, revelando estratégias comunicacionais e midiáticas do coletivo em tempos de interações quase exclusivamente focadas na internet, devido à pandemia. Em segundo lugar, porque o vídeo cria – com a música escolhida, as imagens e as legendas – uma poética dos corpos vivos na cidade, sua produção de presença e sua ocupação de territórios, elaborando as experiências das culturas diaspóricas presentes em São Paulo. Com uma câmera fixa com as imagens aceleradas da colagem, a música escolhida *Um corpo no mundo*, interpretada pela artista Luedji Luna, traz em suas letras e sonoridade estes mesmos elementos de diásporas musicais e sonoras em jogo. Tem-se ali o registro do ato de colagem dos cartazes no dia 25 de janeiro de 2021, uma ação que revela a busca por visibilização da presença migrante na cidade (um olhar nos olhos imposto pela presença nos muros) e na própria constituição desta urbe.

Corporeidades que acionam a performatividade (BUTLER, 2018; YÚDICE, 2002) das identidades e subjetividades as quais encenam e reiteram apropriações que passam pelo discurso verbal e também pelo corpo como forma de narratividade (LOPEZ CANO, 2008) das experiências e das subjetividades em jogo, apontando para os usos das corporalidades, suas estetizações e subjetividades como portadoras de sentidos políticos (QUINTERO RIVERA, 2009). Pensar as culturas juvenis e urbanas e os ativismos urbanos (como explicaremos) desses atores, requer uma escuta das narrativas verbais e explicativas destes atores, como também uma atenção para as narrativas que se compõem nos corpos que marcam suas presenças na cidade.

Na busca por compreender essas narrativas corporais, nos valemos das noções de Taylor (2013), quando a autora traz as noções de arquivo e repertório para pensar as ações performáticas, corporais, memoriais e políticas em jogo na América Latina. Segundo Taylor, enquanto o arquivo tem a ver com o desejo de registrar, guardar e fixar o conhecimento para consultas e acessos em outros tempos/espacos, o repertório diz respeito ao que está no saber encarnado e corpóreo e não necessariamente registrado, aludindo ao efêmero, vivo e dinâmico do estar juntos. Se isso corre o risco de se perder pela ausência de registro, salientamos com Taylor que estas formas expressivas estão vivas nos corpos, nas memórias e nas tradições construídas, tais como gestos, vocalidades, danças e performances. Longe de serem pensadas como categorias excludentes, arquivo e repertório mostram-se complementares (TAYLOR, 2013), como duas possibilidades metodológicas de entender as performances como atos corporais teatralizados e enquanto potente lente de análise, modo de conhecer ou episteme (para além de ser um objeto de análise). Concordamos com Amaral, Soares e Polivanov (2018) quando afirmam que a performance como episteme nos auxilia na compreensão de sentidos e trajetos das ações e fenômenos em seus roteiros performáticos, mas também nos escapes, brechas e fissuras que aí se apresentam, algo próximo ao que o antropólogo Victor Turner (1987) já afirmava desde os anos 1950/60 em suas análises sobre rituais, *communitas*, liminaridades e teatralidades.

Outra postagem que mereceu nossa atenção e seleção para esse artigo, é a *live Licencias políticas “Mulheres que migram”* (SARAU DAS AMÉRICAS, 2021). Ela faz parte de uma série de quatro debates transmitidos pela página do Facebook do Sarau das Américas, produzida durante a pandemia. Eventos à distância permitiram a participação de migrantes de outras territorialidades e proporcionaram uma diversidade de relatos, narrativas e situações de vida. Cada edição do Licencias políticas teve um recorte específico e tratou de temas de “interesse regional”, como mencionado na página do coletivo. As outras edições tiveram como temática a necropolítica na América Latina e a representatividade no Conselho Municipal de Migrantes da cidade de São Paulo.

Em *Mulheres que migram*, as membras do Sarau das Américas Ana Sofia e Lilibel debateram sobre a experiência da mulher latino-americana migrante, tendo como convidadas a rapper argentina Pitoniza, moradora do Grajaú (zona sul da cidade), e a cantora Rosita, da Banda Unión Latina de Belo Horizonte/MG. Na descrição da *live*, ressaltam que o “Sarau das Américas nasceu do ventre da *Pachamama*, nos beijos da mulher da terra, nos ombros da mulher de agora, do sentir e fazer da mulher de sempre [...] que firmam o caminho com seus passos, suas atitudes e suas poesias”. O debate, na forma de uma conversa, percorreu temas

relevantes para as experiências das convidadas e membras do coletivo: ser mulher latino-americana migrante no Brasil; a relação de suas vidas com a música e a poesia; a relação entre o corpo, a terra (“*la pachamama*”) e o cuidado; e as diversas intolerâncias, violências e barreiras que encontraram e fizeram parte de seus cotidianos desde que migraram para o Brasil.

Como “*mujeres que migran*” – ressaltaram elas – abandonar o que conhecem, a família e os amigos na busca por (re)construir suas vidas, são dificuldades que se relacionam também com o enfrentamento ao patriarcado, com o cerceamento de lugares e com a reprodução contínua de violências contra seus corpos cotidianamente. Lilibel relatou que precisou lidar com estereótipos por ser cubana, por apresentar esta identidade e por ter “outra leitura sobre a política” tanto de seu país de origem quanto do país em que habita. Salientou ainda que lutam ao mesmo tempo com a diversidade de machismos e com algumas de suas “licenças” que se expressam de forma diferenciada em Cuba e no Brasil. Apesar das violências cotidianas, se veem como “*mujeres sin fronteras*” e como responsáveis pelo cuidado dos filhos da *pachamama* latino-americana”.

Para expressar essa relação entre o corpo das mulheres latino-americanas e a terra, Rosita cantou a música *La negra tierra*, da banda Unión Latina, com versos que afirmam “*la negra tierra se está cansando, cada vez hay menos personas que comprendan su dolor*”. Para compreendemos essa dor mencionada pela cantora, é necessário considerar que o território da América Latina é historicamente racializado, já que o racismo é um princípio “constitutivo que organiza, a partir de dentro, todas as relações de dominação da modernidade, desde a divisão internacional do trabalho até as hierarquias epistêmicas, sexuais, de gênero, religiosas” (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSGOUEL, 2018, p. 11). Pitoniza afirmou ainda que há um racismo que tenta relacioná-la a qualquer nacionalidade que não seja a argentina, por ela “não ser branca o bastante”.

Como integrante do movimento *HipHop*, Pitoniza salientou que as questões políticas estão mais digeridas na música e na produção cultural, tendo na migração uma de suas temáticas. O rap se tornou uma das formas de expressar essas violências, em que ela se expressa não só por meio da música, mas como uma comunicadora conectada aos valores e significados de luta do *HipHop*. Sua atuação parece causar certa dissidência na temática normativa da relação do corpo feminino com a terra, ao questionar o ser mulher como algo necessariamente ligado à maternidade. “Plantar uma árvore já é criar vida” – diz ela – e contribuir para a educação de jovens também são formas de cuidar dos filhos da América Latina.

Percebemos que nessas dimensões performativas da arte e do ativismo político-cultural esboçam-se potentes formas de reencenar corporalidades, identidades e subjetividades em formas de repertórios de etnicidade/racialidade, de ancestralidades e de pertencimentos territorializados, em que o fazer político se amplia em novas gramáticas de expressão artística e estética: ampliando sentidos de cidadania, visibilizando suas pautas, reinventando utopias. A noção de ativismo (FERNANDES *et al.*, 2022; RAPOSO, 2015; ROCHA, 2021) supõe um espaço de atuação que conjuga o artístico e o político ampliando suas dimensões, borrando suas fronteiras, desdobrando lugares de enunciação e nos ajudando a compreender ações que se apresentam não apenas como resistência e reposta aos poderes constituídos, mas como formas de re-existência que articulam a criação de práticas estéticas decoloniais que agem como fissuras nas formas de pensar/sentir/atuar/lutar na fronteira entre o estético, o ético e o político; brechas abertas pelas práticas artistas como as que temos observado no Sarau das Américas.

Outra ação político-cultural em forma de postagem produzida pelo Sarau das Américas no período delimitado e que aqui destacamos, foi uma festa online com quatro DJs que selecionaram e tocaram gêneros musicais de países latino-americanos hispânicos (SARAU DAS AMÉRICAS, b2016). O Sarau convidou os(as) DJs Pensanuvem, La Reina, Julio Moracen e Cecyza para comporem a discotecagem da festa denominada “Chega a manteiga derrete\_ *La fiesta* em casa!”. Com exceção da DJ brasileira Pensanuvem, os DJs convidados são artistas migrantes radicados no Brasil e que produzem os ritmos, estilos e gêneros musicais presentes em seus países de origem na cidade de São Paulo.

O evento ocorreu nos primeiros meses da pandemia, no dia 15 de maio de 2020, quando estavam em vigor as medidas mais restritivas de isolamento. Em uma sexta-feira, o coletivo organizou uma produção musical que focou principalmente na salsa, na *cumbia*, no *reguetón* e na *champeta*, entre outros, com o objetivo de fazer uma festa online latino-americana, como afirmaram. Essa foi uma das ações online que mais teve visibilidade, com mais de três mil e duzentas visualizações.

Com exceção de Pensanuvem, as DJs La Reina, Cecyza e o DJ Julio Moracen tiveram partes de suas apresentações silenciadas e/ou cortadas por conta de direitos autorais e é possível acompanhar as discotecagens de forma intermitente. Na postagem no Facebook, o registro de imagem e os comentários se mantiveram.

A DJ Pensanuvem, que pertence ao coletivo Macumbia, tocou uma sequência de salsas e utilizou um filtro visual que multiplicou sua imagem, numa mistura de cores. Um dos comentários destacou o filtro: “O bom desse filtro é que se pode ver três Pensanuvens”. A

publicação do vídeo na página do Facebook do coletivo recebeu mais de quinhentas visualizações e setenta e um comentários, tanto de pessoas do coletivo quanto do público externo: “Salve Pensanuvem!!! *Gracias*”; “*siempre buenisima #estudonuestra*”; “Rainha das Américas!!” foram alguns dos comentários registrados.

A DJ La Reina tocou *reguetón* até metade da sua apresentação quando avisou: “agora é *champeta*” e o ritmo se acelerou. Seu coletivo, *El Espeluque*, difunde e reproduz a cultura da *champeta* no Brasil. Esse gênero musical, que envolve também uma interpretação dançante, se aproxima do *reguetón*, do *rap* e do *dancehall* e é oriundo da região caribenha da Colômbia, mais especificamente da cidade de Cartagena. Um dos participantes da *live* reconheceu o ritmo e comentou: “Cartagenaaaa”. A discotecagem de La Reina foi a que teve maior alcance, com cerca de mil e quatrocentas visualizações.

Julio Moracen e Cecyza foram os que tiveram suas apresentações com maior número de cortes dos vídeos por conta dos direitos autorais. Apesar da curta duração dos vídeos, ainda é possível observar que tiveram um alcance de aproximadamente oitocentas visualizações (no caso de Julio), e quinhentas visualizações (no caso de Cecyza). Julio Moracen, além de DJ, é pesquisador e professor. Na descrição de sua apresentação, o coletivo afirmou que “Julio Moracen é escritor, poeta, teatrólogo. Também é DJ em redutos de salsa e ritmos caribenhos da noite paulistana”. Da mesma forma, o coletivo escreveu que a DJ Cecyza – que fechou as apresentações – é “seletora 100% vinil, promove vários eventos de cultura latino-americana divulgando ritmos praticamente desconhecidos no Brasil”.

Nestas formas de uso das redes sociais digitais do Facebook e Instagram pelo Sarau das Américas, formas de autorrepresentação vão sendo constituídas. Mais do que serem representados pelas mídias, buscam se visibilizar e se audiovisibilizar (ROCHA, 2021) por suas próprias estratégias de apropriação destes meios, esboçando quem são, o que pensam, como querem ser vistos. E estas construções de identidades (como coletivo e como sujeitos migrantes) parecem se configurar de maneira performativa (YÚDICE, 2002) e em processo dinâmico em que reiteram, mas também negam e escapam das visões hegemônicas e essencialistas do que seja o migrante latino-americano hispânico em São Paulo, naquilo que Aparicio e Chávez-Silverman (1997) chamam de “*tropicalizations*”. Esta noção nos permite compreender:

[...] as ações destes jovens como agentes de suas representações identitárias, para além dos binarismos estruturantes e ideológicos que reforçam estereótipos colonizantes. Neste processo, incorporam e rejeitam paradoxalmente aspectos das representações hegemônicas, numa negociação ambígua e pelas bordas em que deixam de ser passivos para serem agentes desestabilizando categorias fixas (PEREIRA; HERSCHMANN, 2018, p. 178).

Isso se articula com a própria noção de identidade como algo performativo e ponto de sutura (HALL, 2000), costurada entre aspectos mais normativos e possibilidades de subjetivação e, portanto, escapes ao que se constitui hegemonicamente como sendo as identidades migrantes latino-americanas num sentido essencialista e unívoco (PEREIRA, 2021).

Retomando o que já afirmamos acima sobre performances e corporalidades, percebemos que os elementos corporais podem ser analisados como inscrições repertoriais ou como arquivos e registros, mas em que estão presentes experiências vividas, encarnadas, performatizadas e encenadas como os movimentos coreográficos da vida e das identidades dos grupos, possuindo sentidos tanto sociais como políticos, estéticos e comunicacionais. Ou seja, a performance mostra-se um operador conceitual importante para analisar as corporalidades que encarnam os sentidos artistas encenados e experimentados, bem como para compreender as relações entre identidades performativas evidenciadas nos grupos analisados e nas performances como atos irrepetíveis: um aqui e agora que envolve a ambiência e a atmosfera (ZUMTHOR, 1997).

Os vídeos postados se transformaram em arquivo com as experiências dos corpos, dos rostos, dos sorrisos, das danças, dos olhares e das vidas migrantes na cidade; mas os repertórios dos corpos, culturas, ancestralidades e das memórias vividas são guardados e re-encenados, revividos a cada nova execução/reprodução, atualizando seus sentidos, conteúdos e dimensões afetuais: seja no vídeo de colagem de rostos migrantes embalados pela voz de Luedji Luna, seja nos sons dos estilos e gêneros musicais da festa online, seja na *live Mujeres que migram*. Em todas estas situações de performance mediatizada, o Sarau das Américas vai se constituindo e re-existindo na potência da poesia dos encontros e também nas formas de se apropriar e ocupar a cidade e as redes sociais digitais, articulando identidades por via do debate político e feminista e também pela música, a dança e os ritmos que acionam repertórios corporais racializados e territorializados da terra deixada para trás, dos novos pertencimentos no país de chegada e na potência do lúdico e festivo que naquele momento pandêmico de isolamento se fazia ainda mais premente.

Eventos, atividades e ações em geral durante a pandemia permitiram ao Sarau ir além das fronteiras por meio da conectividade proporcionada pelas redes online. O uso intensivo dessas redes e o deslocamento colocado pela pandemia, aproximou experiências migrantes entre São Paulo, Rio Grande do Sul, Bahia, Minas Gerais, entre a capital paulista e cidades do

interior, entre países de origem dos (as) integrantes do coletivo e outros países da América Latina e suas próprias experiências enquanto migrantes que vivem no Brasil.<sup>2</sup>

Além de *lives*, as redes sociais do Sarau foram usadas para compartilhar e interagir com os seguidores das páginas do coletivo por meio de compartilhamentos de textos, notícias, imagens, músicas e ações de outros (as) artistas e outros coletivos. Esses compartilhamentos afirmam identidades e pertencimentos (indígenas, latinos, migrantes), ressignificam preconceitos, exotismos e visões estereotipadas e estigmatizadas sobre os migrantes, valorizam as manifestações culturais latino-americanas, comunicam direitos, possibilidades, eventos e ações protagonizadas por artistas, coletivos e agrupamentos latino-americanos e migrantes, criam memórias dos momentos dos encontros presenciais ocorridos antes da pandemia, criticam a xenofobia, o racismo e as desigualdades existentes no Brasil, na América Latina e no mundo.

As potencialidades das técnicas (MARTIN-BARBERO; RINCÓN, 2019) podem ser vistas por meio das redes sociais, atuando na criação de novas sensibilidades políticas e de espaços transfronteiriços para compartilhar expressões culturais e experiências vividas, e de modos de estar juntos e criar sentidos de presença entre as pessoas. É possível perceber por via das técnicas, ou seja, das formas como as tecnologias são apropriadas, vividas e sentidas pelos sujeitos (MARTIN-BARBERO; RINCÓN, 2019), que a presença e ubiquidade de inúmeros formatos e mídias digitais apontam sentidos políticos, tanto em formas de ativismos variados que ali se constituem, como pelas possibilidades cotidianas de construção de socialidades; e ainda pelas formas de produção de presença em tempos de ausência de encontros presenciais devido à pandemia.

## 6 Considerações finais

Nesse artigo, procuramos analisar as ações online do coletivo migrante Sarau das Américas, presentes em suas páginas nas redes sociais digitais Facebook e Instagram durante os anos de 2021 e 2022, quando a pandemia do Covid-19 obrigou a interrupção das atividades presenciais do grupo. Ao nos debruçarmos sobre algumas dessas postagens, as quais apresentam atividades levadas à cabo pelo coletivo naquele momento, chama a nossa atenção sua busca por manter, de alguma maneira, os vínculos, os debates, os pertencimentos, os encontros, as festas e eventos que mantinham antes do período pandêmico.

---

<sup>2</sup> Destaca-se, porém, o uso mais frequente das redes para realização de ações próprias no ano de 2020 e a queda do uso em 2021. É preciso destacar aqui o fato de o Sarau das Américas não ter contado, especialmente na pandemia, com recursos ou financiamentos públicos ou privados para sua atuação e sobrevivência.

Os processos migratórios evidenciam os arranjos e as negociações de identidades elaboradas nesses fenômenos, em que identificações, pertencimentos, estranhamentos e diferenças se mostram em articulação, na edificação do que é próprio e do que é estrangeiro. Identidades que são inventadas, construídas, contestadas e reivindicadas de forma ativa e coletiva - como pudemos perceber nas atividades do Sarau das Américas - em relações elaboradas pelos grupos migrantes em suas formas de pertencimento nas grandes cidades adotadas para viver (ZANFORLIN, 2016), acionando e recriando ativamente ancestralidades em metrópoles cosmopolitas entre lógicas locais, globais e regionais.

Nas postagens analisadas, evidenciam-se aspectos da produção de presença e das performances mediatizadas elaboradas por meio das técnicas apropriadas por esses sujeitos. Para compreendê-las, acionamos alguns operadores conceituais tais como ativismos e re-existências que nos ajudam a perceber ações estéticas, artísticas e políticas articuladas como potentes meios de expressão juvenil migrante na cidade.

A pandemia colocou a todos diante de processos desiguais de acesso, uso e disponibilidade das possibilidades trazidas pelas interações online (aulas, encontros, reuniões de trabalho, atividades culturais e ativistas etc.). Em meio a isso, grupos e coletivos como o Sarau das Américas se viram frente aos desafios de transpor meramente as atividades presenciais para o online ou ainda inventar novos sentidos, lógicas e linguagens para construir formas de estar juntos, de diferentes maneiras e com diferentes recursos econômicos, tecnológicos e midiáticos.

Espaços simbólicos de resistência, negociações e re-existência foram sendo construídos pelo Sarau das Américas nestes ativismos da esfera online, em que mantiveram e desdobraram os fluxos, trocas e redes entre os sujeitos em performances mediatizadas (ZUMTHOR, 1997) e constituições de presença por meio do virtual, buscando reconstruir dinâmicas sociais que apontam para a possibilidade de vínculos afetuais entre eles e a audiência mediada pela internet, bem como suas constituições discursivas nas expressões de identidades em constante transformação. Como bem lembra Zumthor (1997), a performance diz respeito à ambiência que envolve a poética oral e vocal e sua potência de comunicar culturas, expressões e sentidos. Numa performance mediatizada, perde-se a presença física, mas ainda há as vozes, respirações, risos, emoções e um corpo repleto de repertórios de culturas (TAYLOR, 2013) na virtualidade da internet. E isso parece comunicar e vincular os sujeitos migrantes em experiências coletivas de partilhas de sentidos e na reinvenção de formas de estar juntos.

## Referências

- AGIER, Michel. **Migrações, descentramento e cosmopolitismo**: uma antropologia das fronteiras. São Paulo. UNESP, 2015.
- ALBÁN ACHINTE, Adolfo. **Prácticas creativas de re-existencia**: más allá del arte...el mundo de lo sensible. Buenos Aires: Del Signo, 2007.
- ALVARADO, Sara; VOMMARO, Pablo (ed.). **Jóvenes, cultura y política en América Latina**: algunos trayectos de sus relaciones, experiências y lecturas 1960-2000. Rosario: Homo Sapiens Ediciones, 2010.
- ÁLVAREZ VELASCO, Soledad. Tránsitos irregularizados. In: CEJA Iréri; ÁLVAREZ VELASCO, Soledad; BERG, Ulla D. et al (orgs.), **Migración**. Buenos Aires: CLACSO, 2021.
- AMARAL, Adriana; SOARES, Thiago; POLIVANOV, Beatriz. Disputas sobre performance nos estudos de Comunicação: desafios teóricos, derivas metodológicas. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 63-79, jan./abr., 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-5844201813>. Acesso em: 1 fev. 2023.
- AMAYA, José Fernando Serrano. **“Menos querer más de la vida”**. Concepciones de vida y muerte en jóvenes urbanos. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2004.
- APARICIO, Francis; CHÁVEZ-SILVERMAN, Suzana (ed.). **Tropicalizations**: transcultural representations of latinidad. Hanover: University Press of New England, 1997.
- APPADURAI, Arjun. **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa: Teorema, 2004.
- BAENINGER, Rosana *et al.* **Novos espaços das migrações internacionais no estado de São Paulo**: uma análise do período recente a partir do município de Campinas. Campinas: Abep, 2018.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- BÓGUS, Lucia Maria M.; FABIANO, Maria Lucia A. O Brasil como destino das migrações internacionais recentes: novas relações, possibilidades e desafios. **Revista Ponto-e-Vírgula**, São Paulo, n. 18, p. 126-145, 2015.
- BORELLI, Silvia *et al.* Ativismos juvenis urbanos brasileiros: questões raciais e de gênero. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 45, e2022108, p. 1-18, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-58442022108pt>. Acesso em: 1 fev. 2023.
- BORELLI, Silvia *et al.* Jovens imigrantes na cidade de São Paulo: ações político-culturais, vida cotidiana, resistências. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, Manizales, v. 19, n. 3, p. 1-23, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11600/rllcsnj.19.3.4220>. Acesso em: 1 fev. 2023.

BORELLI, Silvia. Imagens, metrópoles e culturas juvenis. **Diretório dos grupos de pesquisa no Brasil**, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/13547>. Acesso em: 23 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Resumo executivo [do] relatório anual 2020**. Brasília: OBMigra, 2020. Observatório das Migrações Internacionais. Disponível em: [https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados/relatorio-anual/2020/Resumo%20Executivo%20\\_Relat%C3%B3rio%20Anual.pdf](https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados/relatorio-anual/2020/Resumo%20Executivo%20_Relat%C3%B3rio%20Anual.pdf). Acesso em: 13 ago. 2022.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança nas ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CASTRO-POZO, Maritza. De jóvenes contemporáneos: trendys, emprendedores y empresarios culturales. In: GARCIA CANCLINI, Nestor; CRUCES, Francisco; CASTRO-POZO, Maritza Urteaga (coord.). **Jóvenes, culturas urbanas y redes digitales**. Madri: Fundación Telefónica; Barcelona: Ariel, 2012. p.25-44.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu de; SILVA, Bianca G. (ed.). **Imigração e refúgio no Brasil**: retratos da década de 2010. Brasília: OBMigra, 2021. Relatório executivo do Observatório das Migrações Internacionais, Ministério da Justiça e Segurança Pública, Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral.

CERBINO, Mauro; RODRÍGUEZ, Ana. Movimientos y máquinas de guerra juveniles. **Nómadas**. Bogotá, n. 23, p. 112-121, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. v. 1.

CLACSO. Grupos de trabajo seleccionados para el período 2019-2022. **CLACSO**, Buenos Aires, 2019. Disponível em: <https://www.clacso.org/grupos-de-trabajo/grupos-de-trabajo-2019-2022>. Acesso em: 23 fev. 2023.

COGO, Denise. Brazilians in Spain: communication and transnational activism in a context of economic-political crisis. **Communication and Society**. Navarre, v. 32, n. 4, p. 223-238, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.15581/003.32.36763>. Acesso em: 1 fev. 2023.

COGO, Denise; GORCZEWSKI, Deisimer. Juventudes, subjetividades e intercessores em experiências migratórias transnacionais. **POLÊMICA**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 140-159, 2012.

CUBIDES, Humberto; MARGULIS, Mario. **Viviendo a toda**: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Bogotá: Siglo del Hombre: DIUC, 1998.

DELANTY, Gerard. La imaginación cosmopolita. **Revista CIDOB d'Afers Internacionals**. Barcelona, n. 82/83, p. 35-49, 2008.

DI CESARE, Donatella. **Estrangeiros Residentes, uma filosofia da migração**. Belo Horizonte: Editora Âyine, 2020.

ERMANÁ. **Ermaná - Espaço colaborativo**. São Paulo, 11 nov. c2019. Facebook: @Espaco.ermana. Disponível em: <https://www.facebook.com/espaco.ermana/>. Acesso em: 31 jul. 2022.

FEIXA, Carles. **De la generaci3n@ a la #generacion**: la juventude em la era digital. Barcelona: NED Ediciones, 2014.

FERNANDES, Cintia *et al.* (org.). **A(r)tivismos urbanos**: sobrevivendo em tempos de urgências. Porto Alegre: Sulina, 2022.

GARCIA CANCLINI, Nestor. **A globaliza33o imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2007.

GARCIA CANCLINI, Nestor; CRUCES, Francisco; CASTRO-POZO, Maritza Urteaga (coord.). **J3venes, culturas urbanas y redes digitales**. Madri: Fundaci3n Telef3nica; Barcelona: Ariel, 2012.

GARCIA, Ana Sofia. Ensayo Sarau das Am3ricas. **Revista Ponto-e-V3rgula**. São Paulo, n. 25, p. 110-114, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/1982-4807.2019i25p110-114>. Acesso em: 6 fev. 2023.

HAESBAERT, Rogerio. **Viver no limite**: territ3rio e multi/transterritorialidade em tempos de inseguran3a e conten33o. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tom3s Tadeu (org.). **Identidade e diferen3a**: a perspectiva dos estudos culturais. Petr3polis: Vozes, 2000. p. 103-133.

L3PEZ-CANO, Rub3n. Performatividad y narratividad musical en la construcci3n social de g3nero - una aplicaci3n al tango queer, timba, reget3n y sonideros. In: **Actas del X Congreso de la SIBE (Sociedad de Etnomusicolog3a)**. Salamanca: SIBE/Obra Social Caja Duero, 2008.

MALDONADO TORRES, Nelson. El arte como territorio de re-existencia: uma aproximaci3n decolonial. **Iberoam3rica Social: revista-red de estudios sociale**, Sevilha, n. 8, p. 26-28, 2017.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **J3venes entre el palimpsesto y el hipertexto**. Barcelona: NED Ediciones, 2017.

MARTIN-BARBERO, Jes3s; RINC3N, Omar. Mapa insomne 2017: ensayos sobre el sensorium contempor3neo. Un mapa para investigar la mutaci3n cultural. In: JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela; WOTTRICH, Laura (orgs.). **Un nuevo mapa para investigar la mutaci3n cultural**: di3logo con la propuesta de Jes3s Mart3n-Barbero. Quito: CIESPAL, 2019. p. 17-24.

MEZZADRA, Sandro. Multid3o e migra33es: a autonomia dos migrantes. **Eco-P3s**, n. 15, v. 2, p. 70-107, 2012.

MIGLIANO, Milene. **Entre a pra3a e a internet**: outros imagin3rios pol3ticos poss3veis na Praia da Esta33o. Cruz das Almas: Editora UFRB, 2020.

MIGNOLO, Walter. **Trayectorias de re-existencia**: ensayos en torno a la colonialidad/decolonialidad del saber, el sentir y el creer. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2015.

NIÑO VEGA, Nohora Constanza. Las experiencias de jóvenes migrantes mexicanos en el estado de Sonora. In: VALDÉZ GONZÁLEZ, Mónica; NARVÁEZ GUTIÉRREZ, Juan Carlos (coords). # **Jóvenesymigración** El reto de converger: agendas de investigación, políticas y participación. Ciudad de Mexico: Universidad Nacional Autónoma de México, 2020. p. 207-234.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Laura. (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PEREIRA, Simone Luci. Que latino? Juventudes, música e dinâmicas históricas Brasil/ América Latina Hispânica. In: BORELLI, Silvia; VALENZUELA ARCE, José Manuel (eds). **Jovens latino-americanos**: necropolíticas, culturas políticas e urbanidades. Buenos Aires: CLACSO, 2021. p. 291-319.

PEREIRA, Simone Luci; HERSCHMANN, Micael. Circuitos latinos em SP e RJ: sentidos dos ativismos musicais migrantes. **Fronteiras**: estudos midiáticos. São Leopoldo, v. 20, n. 2, p. 168-180, 2018.

PEREIRA, Simone Luci. URBESOM: Grupo de pesquisa em culturas urbanas, música e comunicação. **Diretório dos grupos de pesquisa no Brasil**, São Paulo, 2019. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupos/471157>. Acesso em: 23 fev. 2023.

PUC-SP. Acessoria de pesquisa Puc-SP. **PUC-SP**, São Paulo, 2023c. Disponível em: <https://www.pucsp.br/pesquisa/editais-antiores>. Acesso em: 23 fev. 2023.

QUINTERO RIVERA, Angel. **Cuerpo y cultura**: las músicas “mulatas” y la subversión del baile. Madrid: Iberoamericana, 2009.

RAPOSO, Paulo. Artivismo: articulando dissidências, criando insurgências. **Cadernos de Arte e Antropologia**. Salvador, v. 4, n. 2, p. 3-12, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/cadernosaa.909>. Acesso em: 6 fev. 2023.

REGUILLO, Rossana. **Emergencia de culturas juveniles**: estrategias del desencanto. México: Norma, 2000.

REGUILLO, Rossana. **Paisajes insurrectos**: jóvenes, redes y revueltas em el otoño civilizatório. Barcelona: NED Ediciones, 2017.

RETIS, Jessica. Inmigrantes latinoamericanos en ciudades globales: aproximaciones interdisciplinarias en el análisis de las prácticas comunicativas, mediáticas y culturales. **Contratexto**, Lima/Peru, n. 30, p. 19-40, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.26439/contratexto2018.n030.3147>. Acesso em: 6 fev. 2023.

ROCHA, Rose de Melo (org.) **Artivismos musicais de gênero**: bandivas, travestis, gays, drags, trans, não-binários. São Paulo: Devires, 2021.

SANTOS, Milton; BECKER, Bertha K. (orgs). **Território, territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SARAU DAS AMÉRICAS. Licencias políticas “Mulheres que migram”. São Paulo, 19 mar. 2021. 1 vídeo (1h:08min). [Live]. Disponível em: <https://ms-my.facebook.com/SarauDasAmericas/videos/licencias-pol%C3%ADticas-mulheres-que-migram/351838756150531/>. Acesso em: 27 jul. 2022.

SARAU DAS AMÉRICAS. **Procura-se Olhar nos Olhos. Sarau das Américas no Museu da Imigração**. São Paulo, 25 jan. 2021. 1 vídeo (03min:24seg). Disponível em: [https://ms-my.facebook.com/SarauDasAmericas/videos/procura-se-olhar-nos-olhos-sarau-das-am%C3%A9ricas-no-museu-da-imigra%C3%A7%C3%A3o/320209742723053/?\\_\\_so\\_\\_=permalink&\\_\\_rv\\_\\_=related\\_videos](https://ms-my.facebook.com/SarauDasAmericas/videos/procura-se-olhar-nos-olhos-sarau-das-am%C3%A9ricas-no-museu-da-imigra%C3%A7%C3%A3o/320209742723053/?__so__=permalink&__rv__=related_videos). Acesso em: 30 jul. 2022.

SARAU DAS AMÉRICAS. **Sobre**. São Paulo, 27 jul. a2016. Facebook: @SarauDasAmericas. Disponível em: <https://www.facebook.com/SarauDasAmericas/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

SARAU DAS AMÉRICAS. **Transmissões ao vivo**. São Paulo, 27 jul. b2016. Facebook: @SarauDasAmericas. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/1453615434664581/4340945045959457/> Acesso em: 01 ago. 2022.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

TURNER, Victor. **The Anthropology of Performance**. New York: PAJ Publications, 1987.

VALENZUELA ARCE, Jose Manuel. Transfronteras y limites liminales. In: VALENZUELA ARCE, Jose Manuel (ed.). **Transfronteras**: fronteras del mundo y procesos culturales. Tijuana: El Colef, p. 17-44. 2014.

VILA, Pablo. **Music and Youth Culture in Latin America**: Identity construction processes from New York to Buenos Aires. New York: Oxford University Press, 2014.

WALSH, Catherine (ed.). **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Quito, Equador: AbyaYala, 2013. t. 1

WILLIAMS. Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

YÚDICE, George. **El recurso de la cultura**: usos de la cultura en la era global. Barcelona: Gedisa, 2002.

ZANFORLIN, Sofia Cavalcanti. **Etnopaisajes en las metropolis brasileñas**: migración, comunicación y sentimiento de pertenencia. Barcelona: Editorial UOC, 2016.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.

## Abstract

This article focuses on the political-cultural actions of the migrant collective Sarau das Américas in São Paulo/Brazil. Taking as a presupposition the notion of culture in its political senses, as well as on youths (in the plural) focused on the forms of presence carried out by young people in urban contexts, we analyze the activities of the collective with an emphasis on its actions in 2020 and 2021, years of Covid-19 pandemic, which interrupted the group's face-to-face activities and directed them to the online sphere. We seek to understand these actions, their main themes and how the meetings/events took place, in the search to interpret forms of belonging, identities and re-existences that were outlined and the uses of the technicities involved in these mediatized performances, triggering ways of being together and senses of presence.

## Keywords

youth; activism; migrants; re-existences; identity

## Autoria para correspondência

Simone Luci Pereira  
simonelp@uol.com.br

## Como citar

Pereira, Simone Luci *et al.* “Um sarau para chamar de nuestro”: juventudes migrantes, ativismos e formas de re-existência em São Paulo. **Intexto**, Porto Alegre, n. 55, e-126949, 2023.  
<https://doi.org/10.19132/1807-8583.55.126949>

Recebido: 02/09/2022

Aceito: 22/11/2022



Copyright (c) 2023 Simone Luci Pereira, João Marcelo Bras, Maria Claudia Paiva, Andre Queiroz. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.